CONTRIBUIÇÃO DE UMA BOA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA DIMINUIÇÃO DA EVASÃO ESCOLAR

CONTRIBUTION OF A GOOD PEDAGOGICAL PRACTICE TO DECREASE SCHOOL SLAUGHTER

Letícia Maria de Santana¹
Semar Bruno Galindo Pereira²
Natália de Oliveira de Melo³

RESUMO: Pensar acerca da evasão escolar se faz principalmente por procurar caminhos possíveis para a diminuição dos altos índices como também a partir da adoção, por parte do professor, de uma boa prática pedagógica e reflexões sobre experiências em sala de aula. O presente artigo tem como objetivo refletir como uma boa prática pedagógica pode contribuir para a diminuição da evasão escolar. Esta boa prática pedagógica, no presente estudo, é associada, principalmente, a Pedagogia Crítica e a Avaliação Formativa. Temos como principais referenciais teóricos: Freire (1987), Hoffmann (2009, 2014), Grego (2013) e Maurer e Bruel (2014). Utilizamos uma metodologia bibliográfica com técnica exploratória e qualitativa e nossa análise do conteúdo se resume numa síntese de informações e dados dos dois eixos principais da boa prática pedagógica e dos fatores internos e externos da evasão escolar. Por fim, concluímos que a boa prática pedagógica do professor pode interferir positivamente em relação ao enfrentamento da evasão escolar, e, sugerimos mais discussões, reflexões e novas pesquisas, sobretudo, empíricas.

Palavras-chave: Evasão escolar. Prática pedagógica. Avaliação formativa. Pedagogia crítica.

¹ Graduanda em Matemática-licenciatura– Universidade Federal de Pernambuco - Centro acadêmico do Agreste (UFPE – CAA). E-mail: leticia.santana004@outlook.com.

² Graduando em Matemática-licenciatura– Universidade Federal de Pernambuco - Centro acadêmico do Agreste (UFPE – CAA). E-mail: semarbrunoufpe@gmail.com.

³ Doutoranda em Educação – PUC-Rio e Professora Substituta da Universidade Federal de Pernambuco - Centro acadêmico do Agreste (UFPE – CAA). E-mail: oliveiramelonatalia@hotmail.com.

ABSTRACT: Thinking about school dropout is mainly done by looking for possible ways to reduce the high rates as well as from the adoption, by the teacher, of a good pedagogical practice and reflections on experiences in the classroom. This article aims to reflect on how a good pedagogical practice can contribute to the reduction of school dropout. This good pedagogical practice, in the present study, is mainly associated with Critical Pedagogy and Formative Assessment. We have as main theoretical references: Freire (1987), Hoffmann (2009, 2014), Grego (2013) and Maurer e Bruel (2014). We used a bibliographic methodology with an exploratory technique and qualitative and our content analysis is summarized in a synthesis of information and data from the two main axes of good pedagogical practice and the internal and external factors of school dropout. Finally, we conclude that the good pedagogical practice of the teacher can interfere positively in relation to the confrontation of school dropout, and we suggest more discussions, reflections and new research, above all, empirical.

Keywords: school dropout. school evasion. teaching practice. formative assessment. critical pedagogy.

INTRODUÇÃO

O presente texto emerge a partir de reflexões sobre a atual situação de consideráveis índices de evasão escolar e como a prática pedagógica, ou seja, a atuação do professor em sala de aula, pode contribuir para a diminuição desses índices. Compreendemos que apenas a prática pedagógica não é elemento suficiente para a superação desse cenário, mas trazemos essa categoria como importante para essa reflexão.

A questão problema que nos norteia é: Como uma boa prática pedagógica pode contribuir para a diminuição da evasão escolar? A partir dela, seguirá o nosso objetivo, refletir como uma boa prática pedagógica pode contribuir para a diminuição da evasão escolar, onde nos aprofundaremos na temática para responder o nosso problema e abrir caminhos para outras reflexões e pesquisas acerca do tema.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), de 2014 a 2018, estudantes matriculados que frequentam a escola vêm diminuindo drasticamente. (NOVA ESCOLA, 2019). Os números nos dizem que precisamos de soluções urgentemente, que como professores precisamos fazer algo para manter esses estudantes na escola. Ainda de acordo com a Nova Escola (2019, online) “esse fenômeno está ligado ao baixo nível de aprendizagem, que seria resultado de uma série de fatores, incluindo qualificação do professor”.

Um dos motivos mais relevantes para esses números aumentarem está em como o professor atua em sala de aula, em quão atrativa está sendo a aula para esse estudante, se ele realmente está aprendendo e se ele se sente em um ambiente acolhedor, se está se sentindo motivado a aprender. Sobre isso, Maurer e Bruel (2014, p. 17) trazem que:

[...][Os alunos] mencionaram em debates que eles querem e devem ser ouvidos [e] percebem também o déficit na capacitação dos professores e que alguns não conseguem ensinar como deveriam; Acreditam que é por falta de planejamento de aulas mais atrativas, bem como as aulas de campo; Querem ser respeitados em suas particularidades.

Percebemos que os alunos estão interessados em ser engajados na sua aprendizagem, mas eles precisam que a escola e o professor estejam dispostos a ouvir a suas necessidades e opiniões. Que traga esse aluno para perto, fazendo-o compreender a escola como um espaço seguro e acolhedor, que se sinta como agente do ambiente escolar e que com essa participação se sinta motivado a aprender.

Quando a educação não tem sentido nenhum para esse jovem, qualquer coisa que aconteça poderá ser usada de motivo para a desistência. Mas, se esse aluno vê sentido em estudar, sente que aquele ambiente é onde ele precisa estar, dificilmente ele optará pela desistência, mesmo com outros fatores. E é aí onde está nosso papel como professor, acolher esse aluno, motivá-lo e instigá-lo ao caminho do conhecimento.

Neste sentindo, traremos o que acreditamos ser uma boa prática pedagógica. Abordamos dois eixos principais, que são: a Pedagogia Crítica (FREIRE, 1987) e a Avaliação Formativa (HOFFMANN, 2009, 2014; GREGO, 2013). Pois pensamos que uma boa prática pedagógica é constituída por artifícios e instrumentos que tenham como principal função tornar o aluno autônomo, capaz de construir seu próprio conhecimento, consciente de seu contexto social e motivado a transformar sua realidade através da educação.

Além disso, este artigo é relevante para que professores em formação, ou em atuação, saibam o quão importante é a sua prática no desenvolvimento do estudante, como a educação passa a ter sentido a partir de sua atuação como professor e como pode contribuir para a permanência do aluno no ambiente escolar.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é fruto da disciplina de Avaliação da Aprendizagem no ano 2019, ofertada pelo curso de matemática-licenciatura na Universidade Federal de Pernambuco - Centro acadêmico do Agreste (UFPE-CAA). O presente artigo se configura como pesquisa bibliográfica, para Marconi e Lakatos (2003, p. 183): “A pesquisa bibliográfica [...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”. Também caminhamos por uma perspectiva de pesquisa exploratória, onde o objetivo de formular problema tem três finalidades: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com o fato ou fenômeno e possibilitar futuras pesquisas (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A partir de uma pesquisa bibliográfica e exploratória, almejamos, além de levantar informações sobre determinado objeto, envolver o levantamento bibliográfico e a possibilidade de técnica qualitativa (SEVERINO, 2007 ; GIL, 2008) que serão componentes da nossa metodologia. “Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Iremos analisar os porquês da evasão, seus dados e indicar o que convém ser feito, utilizando uma boa prática pedagógica, para amenizar os índices. Para Minayo (2001 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32) “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações [...]”. A partir disso coletaremos dados com base teórica nas pesquisas de Freire (1987), Hoffmann (2003, 2009), Grego (2013) e outros autores. Iremos refletir sobre o tema e trazer definições e conceitos sobre o mesmo.

Analisaremos os dados com leituras dos textos já mencionados tentando torná-los o mais claro possível e faremos uma síntese entre uma boa prática pedagógica e a diminuição da evasão escolar. Acreditamos, como hipótese, que essa diminuição é realmente possível, não apenas com uma boa prática pedagógica, mas, sendo ela um importante instrumento para a diminuição da evasão escolar.

CONCEITUANDO UMA BOA PRÁTICA PEDAGÓGICA

De acordo com o que entendemos como uma de boa prática pedagógica, associamos a Pedagogia Crítica, defendida principalmente por Freire (1987), que visa a liberdade e a autonomia do indivíduo a partir do seu processo de aprendizagem, fazendo-o desenvolver uma compreensão crítica consciente de sua relação com o mundo.

Assim, tornar-se um cidadão cada vez mais consciente de seu contexto e de sua condição enquanto ser humano. Para isso, é preciso que o estudante seja ativo no processo, o professor atue como mediador e esteja claro para o estudante que o conhecimento é construído a partir dele. Para o dramaturgo Augusto Boal (1996 apud FERRARI et al, 2013, p. 61): “Ser cidadão não é viver em sociedade, é transformá-la”. É com essa perspectiva de cidadão que a Pedagogia Crítica se aproxima, um ser que entende sua realidade e tenta modificá-la.

Acreditamos também que uma boa prática pedagógica está vinculada à uma Avaliação Formativa, interpretada por nós como uma avaliação que enxerga o aluno não apenas no contexto escolar. Quem avalia formativamente entende que cada aluno possui um ritmo de aprendizagem e que o mesmo traz consigo outros conhecimentos obtidos no dia a dia, não necessariamente entenderá o conteúdo com fórmulas ou conceitos rebuscados. Esse tipo de avaliação servirá de auxílio para o professor escolher qual metodologia poderá usar para alcançar a maior quantidade de alunos. A avaliação formativa tenta não excluir ou classificar o aluno, mas, sim, entender as formas diferentes de aprendizado. Nesse sentido, para Fernandes (2005, p. 356-357 apud GREGO, 2013, p. 4):

Os alunos são deliberada, ativa e sistematicamente envolvidos no processo do ensino-aprendizagem, responsabilizando-se pelas suas aprendizagens e tendo amplas oportunidades para elaborar as suas respostas e para partilharem o que e como compreenderam.

Mediante isto, é importante a abordagem positiva do erro. É necessário que o professor saiba lidar com o erro, que não o utilize como punição e humilhação, nem que faça uma correção instantânea. Deve fazer com que o estudante reflita e tenha oportunidade de justificar o motivo de responder de tal forma. Nessa perspectiva, devemos destacar, também, a importância de o professor estimular a subjetividade e a criatividade do aluno. Hoffman (2014, p. 77) diz:

A teoria construtivista introduz a perspectiva da imagem positiva do erro cometido pelo aluno como mais fecundo e produtivo do que um acerto imediato. O indivíduo é entendido como um ser ativo que vai paulatinamente selecionando melhores estratégias de ação que o levem a alcançar êxito em alguma tarefa proposta para algum desafio que se lhe apresente.

Ou seja, o erro é um caminho necessário e construtivo para chegar ao “acerto”, não somente, mas também para o entendimento e significação do conteúdo trabalhado, pois exige uma reflexão do aluno sob o que está tentando resolver, como e por que o faz. O indivíduo através de sua subjetividade irá em busca de estratégias que lhes façam chegar a resposta esperada correta e, a partir delas, é que o professor precisa trabalhar, procurando entender principalmente como o aluno chegou até ali, qual raciocínio usou e o quão “certo/errado” está o caminho que ele utilizou, para assim, com o uso do diálogo, apresentar caminhos e estratégias que satisfaçam melhor o tipo de problema apresentado, mas sempre incentivando o aluno a criar as próprias estratégias.

Com base nas conclusões de Grego (2013, p. 4) sobre os estudos de Broadfoot (1988), é destacado que as principais funções que avaliação formativa tem, são:

- I) A função de diagnosticar o progresso do aluno, registrando e apreciando seus pontos fortes e fracos de forma contínua, como parte do processo interativo em sala de aula, de modo a oferecer orientação ao aluno enquanto ele aprende;
- II) A função de encorajar o estudante, fornecendo *feedbacks* positivos que orientem seus processos cognitivos, favoreça sua auto-avaliação e seu envolvimento e responsabilização pessoal no desenvolvimento de tarefas que o levarão a uma aprendizagem efetiva.

É importante que o professor, a partir de um diálogo com aluno, registre os pontos fortes e fracos desse aluno de uma forma mais documental e que o oriente enquanto está aprendendo, para que esse conhecimento não venha a cair no esquecimento e para que seja facilitado a localização de algum erro e haja estímulo para a correção desse possível erro. Esse papel desempenhado pelo professor é baseado no construtivismo (JÓFILI, 2002), onde se acredita que o aluno é o centro do processo e que, em algum momento, será possível que o aluno não precise tanto do auxílio do professor e consiga fazer isso de forma autônoma.

Com isso, o presente estudo acredita que uma boa prática pedagógica é constituída principalmente, por esses pontos: Pedagogia Crítica e Avaliação Formativa. Esses conceitos unidos estimulam o professor a ser mais empático com o estudante, além de fazê-lo protagonista do seu processo de aprendizagem, dando significado a educação, tornando o indivíduo um cidadão crítico, consciente, responsável, transformador e autônomo. Também é necessário que o professor esteja sempre se analisando e se transformando junto à modernidade. Há como utilizar a tecnologia, metodologias ativas, aulas em ambientes diferentes e salas ornamentadas com a ajuda dos estudantes, para tentar tornar o processo mais interessante.

EVASÃO ESCOLAR: É PRECISO ESTAR ATENTO AOS DADOS

A evasão escolar tem sido um dos maiores problemas na educação do Brasil. Os dados estão cada vez mais alarmantes e os motivos são diversos, como: desinteresse, falta de identificação com o espaço escolar, condições socioeconômicas, qualidade precária da rede pública, falta de acesso a transporte, gravidez na adolescência, necessidade de entrar no mercado de trabalho, dificuldade de aprendizagem, dentre outros. Maurer e Bruel (2014) classificam estes e outros fatores como externos e internos.

Criticado inclusive por educadores, o atual sistema de ensino é considerado ultrapassado. Profissionais do ramo acreditam que o tradicional “aluno em carteiras enfileiradas e um professor na frente da sala” não funciona mais como outrora, sendo cada vez mais necessária uma mudança. Não vendo mais motivação para se manter na escola, o jovem começa a faltar com mais frequências às aulas até que o abandono se concretiza (CANAL TÉCNICO, 2018, online).

Como vemos, professores já entendem onde está um dos maiores problemas: a escola se tornou um lugar desinteressante e desestimulador. Nosso padrão de educação tradicional não está mais dando certo, não corresponde aos interesses dos alunos, desestimulando-os a ponto de levá-los ou “deixá-los” ir à desistência. E quando há professores que modificam sua prática para algo mais estimulador e colaborativo, outros professores acabam sendo pressionados pelos alunos e gestão e se veem “obrigados” a ter que se modificar, a sair da zona de conforto onde tanto habitam a fim de melhorar sua aula. A seguir, trazemos a tabela dinâmica e online que tem os dados mais atuais de 2018:

Tabela 1 – Dados de reprovação, abandono e aprovação do ano de 2018.

Etapa Escolar	Reprovação	Abandono	Aprovação
Anos Iniciais	5,1% 767.668 reprovações	0,7% 103.805 abandonos	94,3% 14.304.948 aprovações
Anos Finais	9,5% 1.143.031 reprovações	2,4% 291.353 abandonos	88,1% 10.573.167 aprovações
Ensino Médio	10,6% 749.182 reprovações	6,1% 429.611 abandonos	83,4% 5.920.213 aprovações

Fonte: QEdu (2018)

Pode-se perceber que desde os anos iniciais até o ensino médio o número de estudantes aprovados cai por volta de 48% e que o número de abandonos tende a aumentar ao decorrer das etapas escolares.

Entre 2014 e 2018 a Educação Básica perdeu 1,3 milhão de alunos matriculados, apontam dados do INEP. Sendo o ensino médio a etapa que mais registrou desistência, com 220 mil jovens a menos de 2017 para 2018 (NOVA ESCOLA, 2019).

Quando crianças, os pais entendem como sua responsabilidade fazer seus filhos irem para escola, mas com o aumento da idade eles deixam a “escolha” a cargo dos filhos já que entendem que eles já são responsáveis o suficiente. Por isso, infelizmente, é típico os alunos irem desistindo da escola, pois, as responsabilidades aumentam, os pais vão vendo que há mais alguém que precisa ou deve auxiliar nas despesas de casa e já não há tanto interesse desse aluno pela escola, além de outros fatores subjetivos. Então, no ensino médio, onde a idade já chega próximo a idade adulta, é intensificada esta desistência.

ENFRENTANDO A EVASÃO ESCOLAR ATRAVÉS DE BOAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Neste artigo, acreditamos que a educação de qualidade é constituída por vários fatores, desde gestão escolar, gestão de políticas públicas voltadas à educação, boa qualificação dos professores, formação continuada unida à uma boa prática pedagógica, como já citamos acima. Nesta perspectiva de boa prática pedagógica, temos o professor como o ator da escola que mais atua diretamente com o estudante, tendo oportunidade de ver de perto a realidade em que ele se encontra. Por isso, é tão importante o diálogo e a confiança do aluno no professor, mas para isso, este professor terá que montar estratégias para conseguir essa confiança.

Sabendo que os métodos antigos não funcionam mais, como seria possível inovar? Tratando este aluno como protagonista do seu processo de aprendizagem, não apenas com um receptor de um conhecimento já pronto e limitado. É tarefa do professor incentivar a curiosidade e instigar a pesquisa, a busca pelo aprendizado.

Quando o professor faz isso de perto, acompanha cada passo, mediando esses conhecimentos, ele passa a conhecer melhor o seu aluno, estará claro para ele quais alunos estão interessados e quais podem estar desinteressados, levando-o a procurar

saber os motivos e o que ele pode fazer para a aula ficar mais atrativa para esse aluno se o caso for de desinteresse, ou como a escola e o próprio professor pode contribuir se fizer parte dos outros casos já citados. Assim, esta/e criança/adolescente se sentirá acolhido, entendendo o espaço escolar com um novo significado.

O que nos propomos a refletir aqui, é sobre a importância do professor ser empático e atencioso com seu aluno. Sabendo que ele tem um papel importante na permanência desse estudante na escola, a figura do professor é muito relevante para o estudante, e pode tanto motivá-lo como desmotivá-lo, e o professor precisar ter o cuidado com suas ações em sala de aula e pensar nas consequências que elas podem trazer, pensando sempre no seu papel diante a sociedade de formar cidadãos, conscientes, críticos e transformadores.

Um ponto importante para isso está na avaliação na perspectiva de construção de conhecimento. Hoffmann (2009, p. 18) fala que:

Uma nova perspectiva de avaliação exige do educador uma concepção de criança, de jovem e adulto, como sujeitos do seu próprio desenvolvimento, inseridos no contexto de sua realidade social e política. Seres autônomos intelectual e moralmente (com capacidade e liberdade de tomar suas próprias decisões), críticos e criativos (inventivos, descobridores, observadores) e participativos (agindo com cooperação e reciprocidade).

É importante acreditar que os alunos podem construir seu próprio conhecimento e é nosso papel valorizar essas ocorrências, seus erros e seus acertos, pois eles fazem parte desta construção. Desta forma, o aluno também se sentirá valorizado, ao mesmo tempo, desenvolvemos seres críticos, que pensam o seu papel tanto na escola como fora dela, e participativos, que agem na sociedade de forma coletiva. Tudo isso se aproxima a Pedagogia Crítica. Ela, quando utilizada pelo professor, poderia desempenhar o seu papel em fazê-los refletir sobre questões sociais de relevância para a vida em sociedade, contribuindo para a fomentação de cidadãos críticos e ativos na sociedade.

Porque assim é, a educação a ser praticada pela liderança revolucionária se faz co-intencionalidade. Educador e educandos (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento. Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes. Deste modo, a presença das oprimidos na busca de sua libertação, mais que pseudo-participação, é o que deve ser: engajamento (FREIRE, 1987, p. 36).

Desta forma, reforçamos o que já havíamos dito sobre o engajamento, a valorização do conhecimento do aluno e a empatia do professor para com este indivíduo, entendendo o processo de aprendizagem como um conjunto de fatores subjetivos, que precisam ser investigados e compreendidos, e que para isso acontecer o aluno precisa estar interessado e comprometido com o processo.

É sabido que há vários motivos que podem causar a evasão escolar. E, também, percebe-se que o professor junto a sua prática pedagógica pode tentar amenizar muitas

dessas causas. Os fatores externos detalhados Maurer e Bruel (2014) como por exemplo o que trouxemos aqui: condições socioeconômicas, gravidez na adolescência, qualidade precária da rede pública, falta de transporte e necessidade de trabalho, podem ser refletidos, debatidos e estimulados para a luta rumo a melhor qualidade e a consciência desses fatores. Eles também agrupam alguns fatores internos, como os citados neste trabalho: desinteresse, identificação com o espaço escolar e dificuldade de aprendizagem. Esses podem ser, claramente, amenizados com o uso da Avaliação Formativa.

Como foi analisado ao longo de todo artigo, o professor pode encontrar dificuldades de aprendizagem. É preciso se importar com as várias formas de aprendizagem e também saber como os estudantes aprendem para poder, então, alcançar a todos. O desinteresse e a identificação com espaço escolar podem ser trabalhados em conjunto. O professor ao propiciar um ambiente mais estimulador, tanto físico quanto a zona do ambiente, desperta o interesse dos estudantes, faz com que a escola seja um local prazeroso de se estar.

Logo, vemos o quão importante é tornar e deixar claro para o estudante que, ele é o protagonista do seu processo de aprendizagem, tornando-o assim um membro ativo, interessado em construir seu próprio conhecimento, engajado nas decisões tomadas em sala de aula. A partir disso, a educação passará a ter significado e sentido para esse indivíduo. O que torna mais difícil pensar na possibilidade de desistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto destacamos a importância do professor frente a evasão escolar e como sua prática pedagógica pode contribuir para diminuição da evasão escolar, mas, em momento algum, excluímos a importância de pensarmos políticas públicas e movimentações de outros setores em prol dessa temática tão importante. A evasão escolar vem sendo um dos maiores problemas na educação atualmente, frente a isto, é imprescindível que o professor tenha consciência do quão seu papel é fundamental para permanência desse aluno na escola. Sendo assim, uma boa prática pedagógica aproximaria esse professor do aluno, fazendo-o perceber que tipos de dificuldades esse aluno tem, que tipos de conhecimentos, se este tem interesse na escola, ou se fatores externos e internos diminuíram esse interesse, e como, a partir dessas conclusões tiradas com base no diálogo e vivência em sala de aula ele pode ressignificar, dar uma nova perspectiva a esse aluno, apresentando e gerando discussões sobre essas dificuldades, buscando maneiras de tornar a aula mais atrativa, facilitando a vontade do aluno em aprender.

Concluimos que nossa hipótese pode ser confirmada ao conseguir fazer a síntese entre os fatores internos e externos da evasão escolar com a boa prática pedagógica abordada por nós. Aqui foi aberto vários caminhos que podem ser percorridos por outros pesquisadores. Nossa pesquisa não teve um estudo com um grupo específico de professores e estudantes. Isto poderia ser analisado, as conclusões apresentadas aqui podem fomentar outro pesquisador a analisar empiricamente o que trazemos. Além de integrar outras possíveis conclusões, sínteses, análises e interpretações.

REFERÊNCIAS

BROADFOOT, P. **Introducing Profiling: A practical manual**. London: MacMillan Education LTD, 1987.

CANAL TÉCNICO. **Evasão escolar**: causas, consequências e como evitar. Disponível em: <<https://canaltecnico.somosensinotecnico.com.br/evasao-escolar/>>. Acesso em: 14 dez. 2019.

CENSO ESCOLAR: Educação Básica “perde” 1,3 milhão de alunos em quatro anos. **NOVA ESCOLA**, 2019. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/15467/censo-escolar-educacao-basica-perde-13-milhao-de-alunos-em-quatro-anos>>. Acesso em: 14 dez. 2019.

FERNANDES, D. Avaliação alternativa: perspectivas teóricas e práticas de apoio. *In*: Futuro Congressos e Eventos (Ed.). **Livro do 3º Congresso Internacional sobre Avaliação da Educação**. Curitiba: Futuro Eventos, 2005. p. 79-92.

FERRARI, S. S. U. et al. **Por toda parte**: volume único. 1. ed. São Paulo: FTD, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERHARDT, T. E. ; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisas social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREGO, S. M. D. **A avaliação formativa**: ressignificando concepções e processos. 1. ed. [S.I.]: Unesp/UNIVESP, v. 2, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65810/1/u1_d29_v3_t05.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 33. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

HOFFMANN, J. **Avaliação**: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. 41. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

JÓFILI, Z. M. S. Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. **Educação Teorias e Práticas**, Recife: FASA, v. 2, n. 2, p. 191-208, 2002. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7560/7560.PDF>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

MARCONI, M. A. ; LAKATOS, E. V. **Fundamentos de metodologia científica 1** . 5. ed. São Paulo : Atlas, 2003.

MAURER, M. L. S. BRUEL, A. L. O. **A evasão escolar sob os diversos olhares dos diferentes agentes da prática pedagógica.** In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. v. 1. (Cadernos PDE). Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_gestao_artigo_mirian_lucia_santos.pdf> Acesso em: 02 dez 2019.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 28. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Corra, 2007. Taxas de Rendimento (2018). QEdu, [2019]. Disponível em:
<<https://www.qedu.org.br/brasil/taxas-rendimento>>. Acesso em: 14 dez. 2019.